

Facetas de um Bourdieu tupiniquim: momentos de sua recepção no Brasil¹

Maria Eduarda da Mota Rocha¹
Gabriel Peters¹

Introdução: Bourdieu à brasileira

Em compasso com o próprio programa de uma “sociologia reflexiva” proposto por Bourdieu (1988, p. 6; 1990, p. 50; 2005, p. 135), para o qual o avanço científico da disciplina depende da elucidação das condições sócio-históricas nas quais ela é levada a cabo, a circulação internacional das ideias bourdieusianas tornou-se tópico de estudo sociológico atraente para diversos pesquisadores em múltiplos contextos nacionais, tais como África do Sul (Holdt, 2018), Alemanha (Gemperle, 2009), Argentina (Baranger, 2008), Austrália (Woo-

dward; Emmison, 2009), Brasil (Pinheiro Filho, 2009; Lopes, 2013; Ortiz, 2013; Bortoluci; Jackson; Pinheiro Filho, 2015), Canadá (Fournier; Vécrin, 2009; McLevey; Strokes; Howard, 2018), China (Chen; Zang, 2009), Estados Unidos (Wacquant, 1993; Lamont, 2012; Lizardo, 2012; Sallaz; Zavisca, 2007), Israel (Gerlenter; Silber, 2009), entre outros. Refratada pelas lições dessa literatura, a própria interpretação das orientações teóricas e metodológicas da sociologia de Bourdieu se viu instada a considerar como as diferentes leituras do autor foram, desde o início de sua recepção em tais contextos, influenciadas pelas cir-

¹ Este texto apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa ainda em andamento, parte de um projeto mais amplo intitulado “Bourdieu et les Amériques”, coordenado por Franck Poupeau (Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS/Paris III). A pesquisa sobre a recepção da obra de Bourdieu na sociologia brasileira conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do Edital CAPES/PrInt. Como sugere o próprio título, não pretendemos exaurir as modalidades de recepção da obra de Bourdieu no Brasil, mas tratar do que consideramos alguns aspectos decisivos desse processo, assumindo, de saída, as lacunas decorrentes do recorte feito. Tais lacunas envolvem, por exemplo, a ausência de um tratamento pormenorizado da recepção de Bourdieu nos estudos brasileiros sobre educação, bem como das linhas de pesquisa que, nas últimas três décadas, mobilizaram com muita competência o referencial analítico bourdieusiano em âmbitos como a sociologia das elites, a sociologia econômica, a sociologia dos mercados culturais, a sociologia do esporte, entre outros. Agradecemos aos dois pareceristas anônimos da Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB) as recomendações e os comentários críticos. Nossos agradecimentos se estendem aos participantes do seminário “A recepção da obra de Bourdieu no Brasil”, realizado em Recife em abril de 2018, e do colóquio “Bourdieu et les Amériques”, realizado em Paris em junho de 2019, cujas discussões colaboraram na construção do argumento. Finalmente, cabe um agradecimento especial a Lidiane Soares Rodrigues pela leitura atenta e pelas sugestões pertinentes.

¹Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco – Recife (PE), Brasil. E-mail: me.rocha@uol.com.br; gabrielpeters@hotmail.com

Recebido em: 28/05/2019. Aprovado em: 11/11/2019.

cunstâncias sociais dessa recepção. Tais circunstâncias envolvem, por exemplo, o andamento descompassado das traduções em relação à cronologia das publicações originais de Bourdieu ou, ainda, apropriações “repartidas” de sua obra por causa de demarcações disciplinares e subdisciplinares mais fortes nos contextos nacionais de sua recepção do que no seu cenário de feitura. Uma “sociologia das traduções” precisa considerar todas essas dimensões de modo articulado, e não apenas o campo do intercâmbio internacional de ideias cuja existência ela pressupõe (HEILBRON; SAPIRO, 2007).

Entre os anos de 1960 e 1970, Bourdieu começou a colocar em marcha um verdadeiro programa de internacionalização da sua obra, estabelecendo parcerias com autores do continente americano. Cabe então assinalar a posição semiperiférica que o Brasil ocupa nessa história. Por um lado, pesquisadores brasileiros estabeleceram uma cooperação regular e duradoura com o autor francês, sem caso comparável entre os demais países da América Latina. Por outro lado, essa cooperação deu-se em condições bem menos favoráveis do que aquela construída com autores estadunidenses. São indicativos desse estado de coisas o esforço de Bourdieu em visitar aquele país, o que não aconteceu com a América Latina apesar dos inúmeros convites recebidos¹. Ademais, a despeito de citar trabalhos de brasileiros,

tais como o primeiro artigo de Sergio Miceli publicado em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1975), Bourdieu trata em outro patamar a sociologia de estadunidenses como Goffman, por exemplo. Quando traduz autores estadunidenses, Bourdieu o faz por meio da sua prestigiada coleção *Le sens commun*, nas edições *Minuit*. Já os livros de brasileiros que ele ajudou a publicar saíram na coleção *Brésil* da *Maison des Sciences de L'Homme*.

Entretanto, é fato que o Brasil se destaca na cooperação de Bourdieu com o continente americano, quando tomamos o número de cartas trocadas entre ele e os pesquisadores brasileiros comparado à correspondência com outros latino-americanos: 251 no total (entre 1966 e 2001) contra 81 itens referentes à Argentina e 59 relativos ao México. O número de artigos publicados por brasileiros na *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* também é muito superior ao de qualquer outro país latino-americano. A razão desse intercâmbio regular e intenso a partir dos anos de 1970 foi a formação de uma rede de colaboração franco-brasileira em torno do autor francês, alimentada pelo *Centre de Sociologie Européenne* (CSE) e pelo *Centre de Sociologie de l'Éducation et la Culture* (CSEC), para onde foram tantos brasileiros fazer pesquisa. Nessa rede, Monique de Saint Martin desempenhou o papel de principal mediadora entre os dois polos, vindo ao Brasil em 11 missões científicas,

1 Na década de 1980, no contexto em que filósofos franceses associados ao “pós-estruturalismo” e ao “pós-modernismo” inspiraram o desenvolvimento da “Teoria” nos departamentos estadunidenses de literatura e ciências humanas, a obra de Bourdieu foi logo assimilada aos trabalhos de autores como Foucault, Derrida, Baudrillard, entre outros (Wacquant, 1993; Lamont, 2012, p. 231). A associação a tais nomes no espaço intelectual estadunidense, associação analiticamente problemática para dizer o mínimo, foi provavelmente um dos motivos que levaram Bourdieu a tentar influenciar diretamente sua recepção nos Estados Unidos, por meio, por exemplo, do “convite à sociologia reflexiva” que ele escreveu com Loïc Wacquant (Bourdieu; Wacquant, 1992). Sarcasmo à parte, Lamont tem razão em sublinhar que o subtítulo desse livro bem poderia ser “Como Bourdieu deseja ser lido” (Lamont, 2012, p. 230).

traduzindo textos e ajudando na integração dos pesquisadores recém-chegados ao grupo. Outros colaboradores de Bourdieu também atuaram decisivamente nessa direção, tais como Francine Muel-Dreyfus e Michel Pollak. A precocidade e a importância relativas do caso brasileiro são explicáveis, ademais, por fatores internos, tais como a emergência de mecanismos mais regulares de financiamento de estadias de pesquisadores brasileiros no exterior (tanto doutorandos quanto pós-doutorandos), parte de uma crescente institucionalização da pós-graduação no Brasil (MARTINS, 2018).

As fontes que utilizamos em nossa pesquisa são, até o momento, as cartas trocadas entre Bourdieu e pesquisadores brasileiros que participaram da rede nas décadas de 1970 e 1980, disponíveis no *Fonds d'Archives Pierre Bourdieu*; entrevistas dos participantes dessa rede publicadas em várias revistas e plataformas digitais; currículos disponíveis no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/lattes; bibliografia publicada por esses autores no Brasil e na França. Porém, considerando que o campo de recepção impõe as suas mediações ao processo de difusão da obra de um autor, também tentamos abranger cientistas sociais que não participaram dessa rede, mas que conquistaram um lugar importante na difusão do pensamento de Bourdieu no Brasil mais recentemente.

Antes de propormos quaisquer hipóteses acerca dos contextos sociorregionais, institucionais e analíticos nos quais a obra de Bourdieu gerou interesse em paragens brasileiras, vale a pena mencionar brevemente um punhado de condicionantes formativos da

sociologia brasileira. Embora Bourdieu não utilizasse a noção bachelardiana de “ruptura epistemológica” como ferramenta de *periodização* histórico-sociológica de ideias², talvez não seja exagerado descrever nesses termos bourdieusianos um dos ímpetus orientadores do trabalho de Florestan Fernandes (1967; 2008a; 2008b) nas ciências sociais no Brasil. Segundo o projeto por ele capitaneado na Universidade de São Paulo (USP) a partir dos anos de 1950 (ARRUDA, 1995), a institucionalização da sociologia como disciplina acadêmica entrelaçava-se a exigências de rigor metodológico que, a começar pela substituição de vocabulários de senso comum por uma terminologia especializada, implicariam uma ruptura com a tradição intelectual pregressa do “pensamento social brasileiro”. Lidos por esse prisma, os trabalhos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, pensadores que “inventaram” o Brasil na década de 1930, foram tomados ao mesmo tempo como culminância e ponto-limite da análise de nossa sociedade pela via do “ensaísmo” interpretativo. Os múltiplos galhos da produção intelectual de Florestan Fernandes, ao unirem o balanço dos instrumentos teórico-metodológicos legados pela sociologia clássica com a renovação crítica dos esforços de interpretação do Brasil (por exemplo, o embate com Gilberto Freyre no que toca à questão da “democracia racial”), contribuíram para torná-lo a figura mais influente da sociologia brasileira. A recepção da obra de Bourdieu no Brasil faz parte desse processo amplo de consolidação institucional de uma sociologia mais preocupada em explicitar suas bases empíricas (1967), com base

2 Como é sabido, Louis Althusser (2015), outro autor influenciado pela epistemologia racionalista de Bachelard, utilizou o conceito para demarcar suposta cesura ou corte entre o humanismo filosófico do jovem Marx e a abordagem científica do autor maduro d’*O capital*.

em uma influência cruzada de matrizes europeias e norte-americanas na formação da geração posterior de sociólogos brasileiros.

A despeito de sua intenção de ruptura com o que poderia haver de “diletante” ou “não científico” no pensamento social brasileiro, as ciências sociais crescentemente institucionalizadas em departamentos e pós-graduações herdavam daquela tradição todo um acervo de questões relativas ao que distinguiria a economia, a sociedade e a cultura brasileiras das suas matrizes étnico-culturais. O caráter ambíguo da “modernidade” brasileira em relação às suas contrapartes europeias, fosse celebrado como formação original ou atacado como fonte de atraso, atribuído a um desenvolvimento insuficiente e/ou a uma posição subordinada no capitalismo internacional, continuou, de todo modo, a ser assumido como questão nuclear (TAVOLARO, 2005). O próprio Florestan Fernandes dedicou-se ao tema em obras como *A integração do negro na sociedade de classes* (2008a [1963]) e *A revolução burguesa no Brasil* (2008b [1974]), nas quais encontramos, *mutatis mutandis*, as mesmas temáticas que preocupavam seu adversário (outrora) isebiano Guerreiro Ramos (1996, p. 16-29), tais como os estímulos e os entraves ao desenvolvimento socioeconômico, as condições e os limites da mobilidade social e a relação entre urbano e rural no Brasil.

Nesse ponto, incide a força de atração do campo de recepção nacional sobre as formas de interpretação da obra de Bourdieu. Como uma versão da “hermenêutica da suspeita”, a teoria bourdieusiana seria a primeira a lembrar que o ato de trazer os instrumentos analíticos de uma sociologia estrangeira para um espaço intelectual nacional consiste em uma manobra estratégica, mesmo que não conscientemente pensada como tal

(BOURDIEU, 1990, p. 21), pela qual jogadores no campo acadêmico em questão procuram manter e/ou aumentar seu volume de capital simbólico específico. À luz de uma visão bourdieusiana da economia das trocas acadêmicas (BOURDIEU, 1999, p. 222), o trabalho de mediação do internacional ao nacional envolve as operações de:

- *seleção*, pelas quais certos textos do autor estrangeiro são escolhidos como objetos privilegiados de tradução e/ou comentário, o que já significa destacar alguns aspectos de sua obra em detrimento de outros;
- *rotulação* ou *classificação*, pelas quais a obra estrangeira é imbuída pelos agentes mediadores (intelectuais, grupos de pesquisa, editoras etc.) de determinados significados que buscam torná-la inteligível, de modo mais ou menos próximo ao sentido que tinham no campo de produção, com base nos interesses que animam a mediação e nos referenciais interpretativos já vigentes no campo nacional;
- *c) leitura*, pelas quais os mediadores da recepção aplicam efetivamente os esquemas de interpretação que julgam mais adequados à recepção da obra por eles apresentada, normalmente por meio de exercícios mais ou menos conscientes de aproximação e contraste em relação a referências já bem conhecidas em dado campo nacional.

No caso brasileiro, tais dinâmicas ajudam a explicar, por exemplo, a forte consagração de alguns de seus intérpretes, tais como Sergio Miceli e, mais recentemente, Jessé Souza. Ela se ancora na forma como tais autores utilizaram o arsenal bourdieusiano para recolocar questões reconhecidas como cruciais para pensar o país. O primei-

ro desloca para a sociologia o problema até então posto pela crítica literária da tradição de Antonio Candido (2000, p. 8), o da dinâmica entre “localismo e cosmopolitismo” ressurgida como o “nacional estrangeiro” (MICELI, 2003), mas pensada agora a partir da relação dos intelectuais com o campo do poder, sob inspiração das análises bourdieusianas do campo literário (BOURDIEU, 1996b). O segundo reconstrói um modelo da estrutura de classes no Brasil com base em *A Distinção* e acaba por tomar como fio condutor a “integração do negro na sociedade de classes”, o que desemboca no conceito de “Ralé” (Souza, 2009, p. 19; 2012b, p. 159), base daquele modelo.

A passagem de uma forma mais ensaística de ciência social para outra mais preocupada com os seus “fundamentos empíricos” abarca a difusão da obra de Bourdieu no Brasil, a partir dos dois ramos principais presentes na rede de colaboração científica franco-brasileira que analisamos: o do Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde Moacir Palmeira difundiu o pensamento de Bourdieu desde o fim dos anos de 1960 no curso da formação de uma geração de antropólogos que findariam por se vincular à rede; e o da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, onde Sérgio Miceli passou a conectar vários colegas aos centros de pesquisa liderados por Bourdieu nos anos de 1970, abrindo uma perspectiva que se firmaria como a dominante na interpretação da obra do autor francês no Brasil, a saber, a de Bourdieu como um sociólogo da cultura erudita.

O socioantropólogo da reconversão das classes populares

Em um trabalho cuidadoso sobre as etapas da recepção tupiniquim de Bourdieu,

Bortoluci, Jackson e Pinheiro Filho (2015) notam que o primeiro influxo dos trabalhos do autor francês nas ciências sociais brasileiras se deu no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1969. A fundação de tal programa era um sinal da crescente autonomia disciplinar que a antropologia vinha adquirindo em relação à sociologia. Lá, ainda no fim dos anos de 1960, quando os temas da antropologia estavam se ampliando para além das comunidades indígenas, Moacir Palmeira introduziu textos de Bourdieu, cujos cursos ele havia frequentado na França. Palmeira exerceu grande influência como professor e orientador nos trabalhos de toda uma geração de antropólogos que realizaram suas pós-graduações no Museu Nacional nos anos de 1970 e 1980, tais como Lygia Sigaud, Afrânio Garcia Jr., Marie-France Garcia-Parpet, Rosilene Alvin e José Sérgio Leite Lopes. Assim como os trabalhos do próprio Palmeira, as investigações do campesinato promovidas por esses autores estavam menos ocupadas em divulgar o programa teórico-metodológico da sociologia de Bourdieu no Brasil do que em mobilizá-lo como ferramenta de pesquisa etnográfica. Todos estavam particularmente interessados nas trajetórias de camponeses brasileiros frente às transformações no mercado de trabalho provocadas pela industrialização e pelo declínio de formas tradicionais de dominação. Sob esse aspecto, é interessante notar, eles também se inspiravam na faceta que é talvez a menos conhecida da obra de Bourdieu no cenário internacional ainda hoje (Peters, 2016; 2017b), a saber, seus estudos acerca do impacto da “modernização” forçada da sociedade argelina sobre camponeses desterrados e (sub)proletários urbanos nas décadas de 1950 e 1960 (Bourdieu, 1979; Bourdieu *et al.*, 1963;

Bourdieu; Sayad, 1964). Essas pesquisas deram início à elaboração do conceito de “reconversão social”, central tanto para os trabalhos do Museu quanto para os de Miceli. A esse respeito, é interessante destacar que *O desencantamento do mundo*, obra que tornou acessível ao público brasileiro parte das pesquisas de Bourdieu na Argélia, foi publicada ainda em 1979 graças a um esforço realizado por Miceli e colaboradores – esforço que, entretanto, não teve, até o momento, grande repercussão³ (Bourdieu, 1979).

A chave de interpretação da obra de Bourdieu centrada na reconversão social das classes populares, com base em etnografias do Nordeste rural, teve efeitos importantes no domínio da antropologia. É possível até dizer que ela foi a base de um projeto de pesquisa que sustentou a continuidade do Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional (Garcia Jr., 2018), o qual viria a formar gerações de pesquisadores brasileiros e outros hoje atuantes na França e na Argentina, tais como Marie-France Garcia Parpet, Gustavo Sorá e Federico Neiburg. Do ponto de vista da inserção da obra de Bourdieu no Brasil, entretanto, seu impacto sobre o conjunto das ciências sociais não foi comparável ao produzido pelo trabalho de Miceli e dos tantos pesquisadores que ele inspirou. Primeiramente, porque não houve, da parte dos membros do Museu Nacional, esforços editoriais de mesma monta. E também, vale acrescentar, por causa de certa hegemonia paulista nas ciências sociais brasileiras.

A clivagem São Paulo/Rio de Janeiro na recepção da obra de Bourdieu assume a forma de uma hierarquia que separa uma sociologia dedicada ao topo da estrutura social (i.e., os intelectuais como parte do campo do poder) e uma antropologia mais centrada nas classes populares e nos seus processos de reconversão social no curso da industrialização. A valorização de uma sociologia das classes dominantes tem eco na própria trajetória de Bourdieu. Ainda que sua concepção relacional do espaço social torne aquela oposição arbitrária e o conduza a um trabalho tão ambicioso quanto *A Distinção*, é notório que as classes populares têm mais peso no começo de seu programa de pesquisa, em seus estudos sobre a Argélia, do que no seu ponto de chegada, no qual se destacam as pesquisas sobre as classes dirigentes e o campo literário. No Brasil, a disseminação da obra de Bourdieu coincide com o auge e o início do declínio do tema do campesinato, alçado a uma posição estratégica pelos dilemas políticos vividos a partir dos anos de 1960 (cf. entrevista de Leite Lopes in Perruso; Araújo, 2015), mas deslocado pela urbanização e industrialização aceleradas nas décadas seguintes. Por outro lado, a diversificação temática das ciências sociais nesse período consolidou o espaço de uma sociologia da cultura até então incipiente e na qual, depois de uma safra de trabalhos sobre a indústria cultural na USP dos anos de 1970, é a perspectiva miceliana que findará por se firmar como dominante (Arruda, 2004; 2010; Miceli, 1989).

3 Não tendo sido reeditado desde sua publicação original em 1979, *O desencantamento do mundo* consiste na tradução brasileira de *Algérie 60*, edição abreviada do livro que Bourdieu publicou em 1963 em coautoria com Alain Darbel, Jean-Paul Rivet e Claude Seibel: *Travail et travailleurs en Algérie (Trabalho e trabalhadores na Argélia)* (1963). Aquele primeiro livro é, portanto, uma “versão condensada” desse último, “despojada do aparato de provas (quadros estatísticos, trechos de entrevistas, documentos etc.)” (Bourdieu, 1979, p. 7) que o estofavam. Na medida em que o livro original já distinguia a “interpretação sociológica” levada a cabo por Bourdieu dos “estudos estatísticos” que contaram com a participação daqueles três colaboradores, sua versão reduzida terminou aparecendo “despojada” também de coautores.

A relação dinâmica entre os eixos carioca e paulista da recepção de Bourdieu no Brasil é mais complexa, entretanto, do que parece a um primeiro olhar. Ao introduzir o pensamento de Bourdieu no Museu Nacional, Moacir Palmeira também o fez, de início, com base em uma problemática próxima a uma “sociologia dos intelectuais”, como nota Leite Lopes (2013). A tese que Palmeira defendeu em 1971 na Universidade de René Descartes, sob orientação de Bourricaud, submeteu o próprio debate intelectual sobre o caráter feudal ou capitalista da herança agrária no Brasil a uma análise sociológica de estilo bourdieusiano (Palmeira, 1971; Pinheiro Filho, 2009, p. 6). O fato de a tese nunca ter sido publicada, aliado à circunstância de Palmeira não ter colaborado com a revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, pode ter tido um peso na limitação do reconhecimento do seu papel na difusão do pensamento de Bourdieu no Brasil, sobretudo fora do domínio da antropologia. Seja como for, no que toca às iniciativas editoriais, Palmeira foi um dos responsáveis pela primeira publicação brasileira de um texto de Bourdieu⁴, “Campo intelectual e projeto criador”, ainda em 1968. Por sinal, trata-se da formulação pioneira do conceito bourdieusiano de campo, reconhecido por Miceli (2004) como o mais importante para a sociologia da cultura. O mesmo Miceli não era, por outro lado, indiferente aos estudos sociológicos de Bourdieu sobre o mundo do trabalho na Argélia da década de 1960, como indica seu esforço já citado pela publicação de *O desencantamento do mundo*.

Tudo isso sugere que as conexões entre os ramos carioca e paulista da recepção de Bourdieu são muitas e complexas, abarcando de amígdalas, como aquela entre Lygia Sigaud e Sergio Miceli, a percursos profissionais que entrecruzam Rio e São Paulo, como o de Maria Andrea Loyola. Apesar disso, é inegável ter havido disputa pela autoridade de mediador principal no lado brasileiro da rede de cooperação, como ficou claro durante a organização de uma reunião de trabalho que Bourdieu pretendia fazer com pesquisadores brasileiros em 1980. Naquela ocasião, Miceli organizou um encontro em sua casa com os demais convidados para programar a viagem; em carta a Bourdieu, ele relata o desconforto do grupo carioca com sua posição de intermediário na relação com o autor francês (carta de 2 de julho de 1979).

O fato de Miceli ter sido o único latino-americano a ter sua tese orientada por Bourdieu lhe rendeu um lugar privilegiado e precoce na rede, em uma época em que o sociólogo francês ainda tinha tempo disponível para uma interlocução intensa com seus colaboradores. Essa proximidade prolongou-se também em razão dos muitos trabalhos de publicação assumidos pelo brasileiro, o que fica evidente nas cartas que eles trocaram nos anos de 1970 e 1980. A participação na rede de colaboração organizada em torno de Bourdieu na década de 1970, sobretudo a partir das iniciativas organizacionais de Monique de Saint Martin, conferia um capital social e simbólico expressivo. Ele precisava, contudo, ser convertido nos termos do campo da sociologia

4 Palmeira foi um dos responsáveis pela iniciativa de traduzir e publicar no Brasil um número da revista *Les Temps Modernes* do qual constava o texto de Bourdieu. No mesmo ano, Sulamita de Britto (1968) publicou “O tempo e o espaço no mundo estudantil”, texto de Bourdieu com J.-C. Passeron no volume 4 da coletânea *Sociologia da Juventude*.

brasileira para render o prestígio do posto de mediador da obra do francês no Brasil. Os trabalhos recentes sobre essa recepção são outro momento dessa conversão de capital, no qual as pesquisas realizadas no Museu estão adquirindo maior visibilidade. Uma investigação sobre a formação dessa rede de colaboração científica pode reconstruir a memória dessa experiência apagada no curso de um processo de institucionalização, o qual frequentemente tende a produzir a “amnésia da origem”.

Nesse sentido, os artigos publicados em *Actes* são indício importante da participação na rede e do reconhecimento obtido no grupo constituído em torno de Bourdieu. O Brasil é, de longe, o país latino-americano com mais textos na revista que Bourdieu elegeu como principal instrumento na construção de sua “Internacional Científica”. São 18 artigos de dez autores diferentes, se contarmos também os dois de Gustavo Sorá, argentino formado no Museu Nacional e cujos textos publicados se referem ao Brasil. Se o incluirmos entre os argentinos, como faz Baranger (2008), esse país fica em segundo lugar com cinco artigos.

Afrânio Garcia Jr. é o brasileiro que mais publicou na revista, e de modo contínuo. Em entrevista recente (Garcia Jr., 2018), ele dá testemunho de como as discussões com os demais membros do CSE e do CSEC lhe permitiram assimilar uma forma de colocar os problemas de pesquisa que terminaram facultando a ele a publicação de artigos na *Actes*. Em primeiro lugar, vem o texto que sintetiza sua tese de doutorado sobre a transformação do modo de dominação no Nordeste rural (Garcia Jr., 1986), texto que, com base em uma sugestão de Michel Pollak, inclui o polo dominante na análise por meio da literatura regionalista. Os outros três textos mostram uma inflexão para a análise da

trajetória de intelectuais e suas contribuições ao debate público de questões estratégicas, tais como a construção nacional (Alberto Torres e Nelson Werneck Sodré), o estatuto do Nordeste (Celso Furtado) ou a visão do país no estrangeiro (Stefan Zweig) (Garcia Jr., 1993; 1998; 2011).

O segundo brasileiro que mais publicou em *Actes* foi José Sérgio Leite Lopes. Mesmo que ele nunca tenha transformado sua dissertação em artigo, o que era o desejo de Bourdieu, Lopes colaborou, enquanto segundo autor, com um texto sobre a mudança do modo de dominação em uma vila industrial do Nordeste e o papel das mulheres na emergência de uma consciência operária. Essa ênfase nas relações de gênero se deve sobretudo ao trabalho de pesquisa de sua esposa, Rosilene Alvin, a primeira autora do artigo (Alves; Lopes, 1990). Os dois outros textos de Lopes mostram a influência do programa de investigação de Bourdieu sobre os membros dos centros de pesquisa que dirigia. No momento em que o sociólogo francês estava se interessando por uma sociologia do esporte, Lopes produziu, em coautoria com Sylvan Maresca, um artigo sobre a morte de Garrincha, ídolo cuja trajetória permite ver a ligação entre a origem do futebol brasileiro e os operários (Lopes; Maresca, 1989). Com Jean-Pierre Faguer, Lopes escreveu também um texto que explora as relações entre a emergência da imprensa esportiva, o futebol profissional e o “estilo brasileiro” do jogo (Lopes; Faguer; 1994).

Outra figura importante no ramo carioca é Marie-France Garcia-Parpet, mesmo se não contarmos sua publicação em *Actes* como parte das contribuições de autores brasileiros à revista. Garcia-Parpet teve uma trajetória especial na rede, como francesa que fez sua formação no Museu Nacional em ligação estreita com os demais participantes

do projeto sobre as transformações no Nordeste, tendo tomado como objeto as modalidades de comercialização da produção rural. A transposição dessa problemática ao contexto francês, em seu artigo na *Actes* (Garcia, 1986), permitiu-lhe ocupar lugar estratégico na consolidação dos estudos de “sociologia econômica”, outro canteiro de trabalho cada vez mais importante para Bourdieu a partir daquele momento.

A análise dessas colaborações permite ver, finalmente, que nem toda participação em um grupo de trabalho científico rende visibilidade e prestígio, uma vez que são muitas as mediações entre o que se vive e o que fica como registro escrito, que afinal é o que pode ser mais facilmente transmitido para as gerações seguintes. Em entrevista concedida em maio de 2019, por exemplo, Monique de Saint Martin destaca o papel articulador e gregário exercido por Lygia Sigaud entre os diferentes participantes da rede, ainda que tenham ficado poucos resquícios materiais desse fato.

Sociólogo da cultura: entre a sociologia dos intelectuais e a sociologia da indústria cultural

No seio da sociologia, o pioneiro trabalho de divulgação e interpretação da obra de Bourdieu coube a Sergio Miceli, que se tornou professor da USP em 1989, dez anos após defender sua tese de doutorado *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)* (1979), orientada pelo próprio Bourdieu e por Leôncio Martins Rodrigues. A ascensão de Miceli no campo acadêmico brasileiro esteve estreitamente associada à legitimação de certa sociologia da cultura centrada sobre a produção erudita, sociologia que tem na análise bourdieusiana das “trocas simbóli-

cas” (Bourdieu, 1974) seu principal marco teórico. Ao iniciar-se na década de 1970, tal esforço intelectual era pioneiro também na medida em que trazia para o cerne das preocupações sociológicas no Brasil o tema da cultura, até então um tanto posto de escanteio pela proeminência dos problemas socioestruturais acarretados por nossa “modernização conservadora”, como aqueles ligados ao desenvolvimento e ao mundo rural (Villas Boas, 2007).

Como é sabido, Bourdieu considerou central ao desenvolvimento da sociologia uma autonomia na seleção dos seus objetos de pesquisa (Bourdieu, 1988, p. 28), o que implicava rejeitar a diferenciação entre temas “sérios” e “dignos” de estudo (por exemplo, pobreza ou desemprego), de um lado, e temas “frívolos” e “desimportantes” (por exemplo, moda, revistas em quadrinhos), de outro – diferenciação comumente oriunda de instâncias exteriores ao campo científico, tais como o senso comum, a mídia, os movimentos sociais e a tecnocracia governamental (Bourdieu, 2003, p. 10). Nesse sentido, tanto o esforço em conferir legitimidade à cultura como objeto sociológico, de um lado, quanto a explicação e uso da sociologia de Bourdieu como orientação teórica, de outro, foram capitais centrais à carreira profissional de Miceli. De resto, ambos os interesses sociocientíficos, isto é, sobre Bourdieu e sobre a temática da cultura, viriam a ganhar força na década de 1990. Ao mesmo tempo, Miceli também trabalhou sistematicamente para a publicação da obra de Bourdieu no Brasil, o que não aconteceu com os demais participantes da rede de colaboração instituída entre o francês e os pesquisadores brasileiros a partir da década de 1970. Nesse sentido, a transferência de capital simbólico entre ele e Bourdieu foi se tornando cada vez mais recíproca em cenário tupiniquim. A confiança

do autor francês em Miceli foi sendo construída muito cedo, a partir da publicação do primeiro artigo em *Actes* que avançava na caracterização do trabalho intelectual como uma posição em falso no espaço social (por meio das ideias de “feminização” e de “primos pobres”, 1981), da tese traduzida na França (Bourdieu, 1981) e, finalmente, dos trabalhos de tradução e organização das obras publicadas no Brasil, a ponto de Bourdieu solicitar a leitura de Miceli de obras que mais tarde estavam sendo traduzidas sem a mediação do sociólogo brasileiro⁵.

Toda essa história começou com a organização da coletânea *A economia das trocas simbólicas* em 1974, livro para o qual Miceli também contribuiu com uma introdução que lhe rendeu reputação duradoura como mediador da recepção da obra de Bourdieu nas ciências sociais brasileiras. A oportunidade de publicação da coletânea dada pela proximidade com Jacó Guinzburg, da Editora Perspectiva, foi a razão do primeiro contato entre Miceli e Bourdieu em 1970 (Miceli, 2013; Rodrigues; Muniz Jr., 2018). Para minar as resistências àquele autor francês até então desconhecido, parecia crucial ao brasileiro inseri-lo na tradição da sociologia clássica. Isso explica a preocupação em apresentar a perspectiva teórica de Bourdieu como tal, não apenas de mobilizá-la *in actu* na pesquisa sociocientífica de fenômenos particulares, na famosa introdução à coletânea (Bourdieu, 1974, p. VII-LXI). A apresentação miceliana buscava expor teses e conceitos importantes de Bourdieu, já selecionados em função do interesse pelo problema da cultura, relacionando-os a linha-

gens de pensamento mais reconhecidas nesse domínio (por exemplo, a teoria marxiana da ideologia, o “kantianismo sociológico” do último Durkheim, a preocupação weberiana com processos de legitimação da dominação, o impacto do estruturalismo etc.). Além de atender à necessidade de mostrar o estatuto do autor recém-chegado, as sínteses teóricas parecem oferecer um caminho mais curto para a familiarização do público, e um sintoma disso pode ser visto no atraso da publicação de grandes trabalhos de pesquisa, como o que resultaria em *A Distinção*, no Brasil. Apesar dos esforços de Miceli nesse sentido, editoras recusaram a obra em função do seu tamanho e do custo em razão de seus diversos quadros, gráficos e ilustrações⁶.

A despeito da ênfase na articulação entre teoria e pesquisa que marca a perspectiva bourdieusiana, em mercados editoriais frágeis como os latino-americanos, a preferência pelas coletâneas com artigos que “sistematem” os principais conceitos do autor e sintetizem suas construções analíticas como modelos teóricos acabam prevalecendo sobre as traduções de trabalhos de pesquisa amplos, como *A Distinção* ou as investigações de Bourdieu sobre as transformações da Argélia por volta da metade do século XX. Isso acaba tendo um peso no reconhecimento dado aos colaboradores de Bourdieu no Brasil, conferindo a *A economia das trocas simbólicas* um lugar destacado – especialmente por incluir uma introdução que marca a interpretação de Bourdieu enquanto sociólogo da cultura, articulando as dimensões do consenso e do conflito e enfatizando a recuperação do conceito de campo a partir da leitura weberiana

5 Em entrevista concedida em 5 de junho de 2019, Miceli descreve como Bourdieu solicitou a sua participação na tradução de *Meditações Pascalianas* pela Editora Zahar.

6 Cartas trocadas entre Miceli e Bourdieu na virada da década de 1980 tratam desse assunto. Fonte: Fonds D’Archives Pierre Bourdieu, pesquisa em curso.

do fenômeno religioso⁷. Algo semelhante pode ter acontecido com o papel de Nestor García Canclini na Argentina e no México, em virtude de ter ele fornecido atalhos para a leitura da obra de Bourdieu em prefácio muito conhecido a uma tradução de *Questions de Sociologie* (Baranger, 2008). No Brasil, o esforço de Miceli na tradução, na organização e na negociação editorial para a publicação de obras de Bourdieu impressiona. Por meio de suas relações com o mercado editorial, principalmente as editoras Perspectiva, Edusp e, mais recentemente, Companhia das Letras (Rodrigues; Muniz Jr., 2018), Miceli atuou na publicação das obras: *O desencantamento do mundo* (Bourdieu, 1979), *Questões de Sociologia* (Bourdieu, 1981), *A Economia das Trocas Linguísticas* (Bourdieu, 1996a),

As Regras da Arte (Bourdieu, 1996b), *Liber I* (Bourdieu; Miceli, 1997), *Meditações Pascalianas* (Bourdieu, 2001), *Esboço de Auto-Análise* (Bourdieu, 2005), *Sobre o Estado* (Bourdieu, 2012), além da fracassada tentativa de publicar *A Distinção* no começo da década de 1980⁸.

Assim, muitos fatores estiveram envolvidos na consagração de Bourdieu sobretudo como um sociólogo da cultura – e da cultura erudita, mais especificamente. Por exemplo, é interessante perguntar por que o conjunto de trabalhos sobre a indústria cultural desenvolvidos na USP nos anos de 1970 sob a liderança de Gabriel Cohn (1973a; 1973b) não parece ter logrado conquistar para essa área da sociologia um espaço tão reconhecido, a ponto de seus expoentes terem mi-

-
- 7 Em um comentário sobre a primeira fase da recepção da obra de Bourdieu nos Estados Unidos, Lizardo (2012) alude ao papel mediador pioneiro de Paul DiMaggio (1979) e Rogers Brubaker (1985) na apresentação da sociologia bourdieusiana a uma audiência de cientistas sociais estadunidenses. Enquanto DiMaggio capturou a “relevância substantiva” (Lizardo, 2012, p. 239) das investigações de Bourdieu acerca da educação e da reprodução cultural ao costurá-las às linhas já bem assentadas de pesquisa sociológica sobre estratificação e desigualdade nos Estados Unidos, Brubaker (1985) evidenciou a “relevância teórica da contribuição de Bourdieu” ao sublinhar a estreiteza dos laços de sua sociologia com o legado clássico da “Santíssima Trindade” formada por Marx, Durkheim e Weber. Em comparação com a recepção estadunidense, poder-se-ia dizer que os textos reunidos por Miceli (1974, p. VII) na referida coletânea, combinados à introdução que anuncia desde o seu título (“A força do sentido”) a síntese teórica operada pelo conceito bourdieusiano de “poder simbólico”, congregaram em uma só obra os fios da “relevância substantiva” e da “relevância teórica” como atrativos da sociologia de Bourdieu. O apelo temático aparece principalmente nos capítulos que atrelam uma sociologia do sistema escolar francês ao programa mais geral de uma sociologia da cultura (Miceli, 1974, p. 203-268; p. 295-336), cujo modelo “econômico” (*lato sensu*) da produção e da circulação de formas simbólicas (Miceli, 1974, p. 99-182) se mostraria valioso para o estudo de campos como a religião (Miceli, 1974, p. 27-78) e a arte (Miceli, 1974, p. 269-294). O apelo teórico despontaria predominantemente nos engajamentos críticos e criativos de Bourdieu com a sociologia clássica, como na interpretação da sociologia weberiana da religião (Miceli, 1974, p. 79-98) ou no redesenho da relação entre os conceitos clássicos de “classe” e “status” (Miceli, 1974, p. 3-26) de um modo que já preparava o terreno para a sociologia do gosto que viria a ser desenvolvida em *A distinção*.
- 8 Valendo-se de um depoimento da também professora de Sociologia da USP Maria Armanda Arruda, Lopes (2013, p. 69) sublinha que a iniciativa de Miceli ia de encontro a uma disposição pouco receptiva ao trabalho de Bourdieu no meio sociológico uspiano. Para o autor, um dos fatores explicativos dessa pouca receptividade ao trabalho de Bourdieu, indicada também pelo testemunho de Renato Ortiz (2013, p. 85) quanto à parca simpatia que Florestan Fernandes nutria pelo sociólogo francês, era “a importação para São Paulo do contexto francês de suposta rivalidade com o grupo de Alain Touraine” (Lopes, 2013, p. 54). Enquanto Bourdieu jamais viajou para território latino-americano, Touraine se engajou, desde os anos de 1960, na coordenação e na realização de pesquisas em diversos países da América Latina, ensinando na USP, na Universidade de Buenos Aires (UBA) e na Flaco, e consolidando, assim, uma extensa rede de contatos e colaborações ao longo do continente. Com efeito, segundo vários indivíduos entrevistados por Denis Baranger (2008, p. 4) em seu estudo sobre a recepção de Bourdieu na Argentina, a ausência de cientistas sociais argentinos orientados por Bourdieu seria explicável em função do “monopólio” institucional que seu rival Touraine exercia sobre a “estrada” acadêmica que conectava França e América Latina.

grado para outros temas, inclusive o próprio Miceli. Com exceção do estudo de Miceli sobre Hebe Camargo, o qual já utilizava a teoria bourdieusiana (Miceli, 1972), as pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a publicidade, a televisão, o jornalismo, a música e as histórias em quadrinhos tinham como principal aporte teórico a teoria crítica da Escola de Frankfurt (Rocha, 2011), como ilustrado pelo próprio trabalho de Cohn. Durante esse período, enquanto a cultura erudita tornava-se um objeto legítimo de pesquisa na sociologia acadêmica, uma indústria cultural de largo alcance já havia se estabelecido em paragens tupiniquins. No seu *A noite da madrinha* (1972), Miceli questionou o que havia de específico na disseminação de um dominante cultural arbitrário em um contexto no qual, diferentemente do que ocorria no caso francês examinado por Bourdieu, o sistema escolar não alcançava o conjunto da sociedade. Como resultado dessa diferença, sugeriu Miceli, os meios de comunicação tiveram papel mais influente no Brasil do que haviam tido na França. Em seu trabalho subsequente, no entanto, Miceli (1979) qualificaria essa interpretação ao explorar o papel dos intelectuais na construção da nacionalidade no Brasil, assim como suas conexões com o campo do poder. Dá testemunho do impacto do trabalho de Miceli o fato de que sua trajetória representa, de certo modo, o desenvolvimento mais recente da sociologia da cultura no Brasil: de uma preocupação com os meios de comunicação de massa nos anos de 1970 para um foco sobre produções intelectuais e artísticas de circulação restrita. Aos poucos, praticamente todos os pesquisadores que haviam participado do esforço inicial de análise sociológica da indústria cultural terminaram por migrar para outros temas, e a sociologia da comunicação perdeu gradualmente sua força, especialmente

conforme programas de Pós-Graduação em Comunicação se multiplicaram.

Não por acaso, grande parte dos trabalhos anteriormente citados foi escrutinado por Renato Ortiz em seu questionamento do foco sobre a produção erudita como objeto privilegiado da estirpe de sociologia praticada por Miceli. Ortiz recorreu a esses trabalhos dos anos de 1970 para demonstrar a consolidação de uma indústria cultural que se tornara, segundo ele, fator incontornável para a compreensão da dinâmica sócio-histórica do Brasil. No seu livro *A moderna tradição brasileira* (Ortiz, 1988), ele mobiliza a abordagem de Bourdieu para pensar a relação entre a “esfera de produção restrita” e a “esfera de produção ampliada”. O influxo de outros autores para além de Bourdieu no trabalho de Ortiz era maior do que no caso de Miceli, cuja conexão com as ferramentas analíticas bourdieusianas era mais rente e exclusiva. Na medida em que o confronto entre as trilhas de reflexão propostas por Miceli e Ortiz constitui, talvez, a principal disputa pela liderança da sociologia da cultura no Brasil, não deixa de ser sintomático o fato de que Bourdieu tenha sido uma referência importante para ambos (Farias, 2016). Trata-se também de uma indicação de que a consolidação da sociologia da cultura, como área acadêmica com independência em relação à crítica literária, encontrou um valioso recurso estratégico na defesa bourdieusiana de uma ciência social que não temesse ameaçar pudores convencionais quanto ao caráter “encantado” da criação artística e de seus próprios criadores.

Reforçando as hipóteses que levantamos aqui quanto à consagração de Bourdieu sobretudo como um sociólogo da cultura e à importância do trabalho editorial para a conquista do posto de mediador, Ortiz (1983) organizou uma coletânea de textos de Bourdieu em uma coleção de grande

prestígio coordenada por Florestan Fernandes (Rodrigues, 2018). Nela, ele escreveu também uma introdução (Ortiz, 1983, p. 7-36), que apresenta o autor francês ao público brasileiro com base em sua teoria da prática como possível superação da oposição entre objetivismo e subjetivismo na sociologia. Em função disso, converteu-se na porta de entrada ao pensamento de Bourdieu para parte do público brasileiro, mesmo sem ter, ao que consta, colaborado tão diretamente com o autor francês, uma vez que não há registro de publicação sua em *Actes*, apesar de sua forte interlocução com a sociologia e a antropologia francesas.

Sobre os participantes da rede de colaboração formada em torno de Bourdieu, a influência de Miceli é notória. O foco nas relações entre campo cultural e campo do poder, com ênfase na especialização crescente do trabalho de dominação simbólica, é visível, por exemplo, nas contribuições de Durand (1991), Loureiro (1995) e até mesmo Afrânio Garcia Jr. (1993; 1998; 2011) à revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Do ramo paulista da rede de cooperação científica, a trajetória mais singular parece ser a de Maria Andrea Loyola, muito próxima de Bourdieu na França, tendo trilhado sua carreira entre Rio de Janeiro e São Paulo desde a sua formação dividida entre o Museu Nacional e a USP. Ex-orientanda de Touraine, Loyola foi convidada por Bourdieu para estadias de pesquisa nos “seus” centros e a publicar em *Actes* um artigo de mais de 40 páginas, uma análise

rica e detalhada das concepções sobre corpo e saúde e do recurso a diferentes meios de tratamento pelos habitantes de um bairro pobre do Rio de Janeiro. Apesar de sua vinculação ao grupo de Miceli nos anos de 1970, seu caso mostra como as ciências sociais inspiradas no autor francês acabaram se espalhando para outras áreas do saber, como a saúde coletiva. Juntamente com Miceli e Garcia Jr., Loyola foi uma das pesquisadoras brasileiras a ter a sua tese de doutorado publicada na coleção “*Brésil*”, da editora da *Maison des Sciences de L’Homme*, por indicação de Bourdieu. Ela também realizou e publicou uma entrevista que figurou em um documentário sobre o autor francês com boa repercussão, inclusive na França (LOYOLA, 2002).

O intérprete da sociedade de classes

Em seu estudo da recepção da obra de Bourdieu em paragens estadunidenses, Waquant (1993) sublinha o quanto o feito multifacetado da sociologia bourdieusiana passou despercebido a diversos pesquisadores nos Estados Unidos em virtude de interesses especializados de áreas e subáreas de pesquisa. Assim, por exemplo, antropólogos do campesinato conheciam seus estudos sobre a comunidade Cabila na Argélia, mas ignoravam suas pesquisas em sociologia da educação, enquanto sociólogos da educação eram familiarizados com os argumentos de *A reprodução*⁹, mas não com a interco-

9 O livro de Bourdieu e Passeron sobre o papel do sistema escolar na reprodução das desigualdades de classe foi traduzido para o inglês em 1977. A aparição de traduções e comentários dos trabalhos de Bourdieu na literatura anglófona sobre educação desempenhou papel importante na divulgação *global* das ideias sociológicas do autor francês. Segundo Gerlenter e Silber (2009), por exemplo, os primeiros contatos de estudiosos de educação com a obra de Bourdieu na ciência social israelense se deram por meio da discussão anglófona, sobretudo de fonte estadunidense. A mediação anglófona notada por Gerlenter e Silber (2009) na sociologia israelense da educação também se aplica, segundo Chen e Zang (2009), à recepção como um todo do pensamento de Bourdieu entre os cientistas sociais chineses, a maioria dos quais descobriu seu trabalho na — ou pela — academia estadunidense.

nexão desses argumentos com o programa bem mais amplo de uma análise sociológica da sociedade de classes moderna (tal como instanciada na França dos anos de 1960-1970, tomada como um “caso particular do possível” [Bachelard]). O estudo de Bourdieu acerca do papel do sistema escolar na reprodução das assimetrias de classe na sociedade francesa, escrito em parceria com Jean-Claude Passeron, encontra-se entre as primeiras traduções da sua obra no Brasil (Bourdieu; Passeron, 1975). Os conceitos e teses apresentados em *La reproduction* tornaram-se influentes como um referencial analítico nas faculdades de Educação em universidades brasileiras graças às iniciativas mediadoras de pesquisadores como Afrânio Mendes Catani e Maria Alice Nogueira (e.g., Bourdieu, 1989; Catani, 2002; Nogueira, 1990). A postura crítica de Bourdieu em relação ao papel do sistema escolar na legitimação cultural e, por conseguinte, na reprodução histórica da dominação de classe foi, para seus leitores, evidente desde o início. Naquele período, contudo, tratava-se de um ambiente intelectual concebido amplamente como espaço para uma resistência de esquerda à ditadura militar, espaço no qual a educação era vista, sob inspiração da “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, como uma das grandes esperanças para a transformação social emancipatória (Catani; Catani; Pereira, 2001). Em tal cenário,

a perspectiva de Bourdieu sobre a educação foi frequentemente percebida como demasiado pessimista e conducente ao quietismo político. De acordo com o testemunho de Catani (*apud* Bortoluci; Jackson; Pinheiro Filho, 2015, p. 239), foi apenas após a transição para a democracia liberal no Brasil durante os anos de 1980 e 1990 que as visões sociológicas de Bourdieu se tornaram mais amplamente aceitas nas faculdades de Educação do país. Isso ajuda a explicar a pouca repercussão da tradução de textos sobre educação em coletânea organizada por José Carlos Durand e Lia Zanotta, publicada ainda em 1979.

Mais recentemente, outro dos trabalhos de Bourdieu se revelou um importante instrumento analítico para um sociólogo brasileiro cujos escritos já alcançaram um público para além do campo da sociologia acadêmica. Pensamos no uso que Jessé Souza (2006; 2009; 2012a; 2012b) fez de *La Distinction*, traduzido no Brasil apenas em 2007 – tradução tardia que pode ter enviesado a interpretação de Bourdieu nas ciências sociais brasileiras, na medida em que tenha levado muitos a concebê-lo como, antes de tudo, um sociólogo da cultura cujo parâmetro fundamental seria a dinâmica interna aos campos de produção simbólica¹⁰. Souza dedicou-se à construção de um modelo da estrutura social do Brasil ancorado em *A distinção*, mas também guiado pelos problemas

10 Uma vez mais, a interpretação da sociedade de classes no Brasil construída por Souza (2006; 2009; 2012b), por meio de um programa de pesquisa levado a cabo com diversos outros colaboradores, não é a única linha relevante de reflexões e investigações sociológicas que, nos últimos 30 ou 40 anos, se desenrolou mediante significativos impulsos do pensamento de Bourdieu. A larga visibilidade que Souza adquiriu como intelectual público no Brasil dos últimos anos justificaria, por si só, uma análise (ainda que breve) dos influxos bourdieusianos em seu trabalho — trabalho que é objeto de uma apresentação ligeira em Bortoluci, Jackson e Pinheiro Filho (2015, p. 239-240). Com base nos propósitos analíticos do presente artigo, entretanto, o crucial é apontar para uma apropriação do pensamento de Bourdieu menos ocupada com ramos específicos ou subdisciplinares da sociologia, como a sociologia da cultura ou a sociologia da educação, e mais voltada à interpretação de uma formação social *in toto*: a sociedade de classes no Brasil, na esteira do que Bourdieu fizera com a França em *A distinção*.

legados pelas mais influentes interpretações progressistas da sociedade brasileira. Um retrato da sociedade de classes tupiniquim tem de se bater, com efeito, com o que já era uma questão central àquela tradição interpretativa capitaneada por Florestan Fernandes: a ampla parcela da população brasileira que não pode ser incorporada ao mercado de trabalho formal, a despeito da intensa industrialização transcorrida no país ao longo da segunda metade do século XX. Fernandes havia abordado esse problema pela via de uma análise histórico-sociológica da questão racial, retratando a armadilha na qual ex-escravizados negros e seus descendentes foram capturados no período subsequente à abolição da escravatura. Em larga medida abandonada pelo estado à sua própria sorte, porém compreensivelmente predisposta a interpretar o labor assalariado como signo de sua sujeição, boa parte da população negra no Brasil viu-se em condições de existência que a destituíam, segundo Fernandes (2008a, p. 114), dos requisitos “psicossociais” necessários à sua integração ao mercado de trabalho. Acostumados a trabalhar sob coerção direta, como poderiam eles desenvolver a disciplina necessária para o emprego regular? Ademais, Fernandes mostra que tais condições psicossociais inadaptativas teriam sido transmitidas aos seus descendentes pela socialização, a começar pelo fato de que vários deles teriam crescido em famílias despedaçadas pela violência doméstica, pelo alcoolismo e pela negligência parental (Fernandes, 2008a).

Jessé Souza lança mão de Bourdieu para reinterpretar tais condições “psicossociais” mediante o conceito de *habitus*. Com sua categoria do “*habitus* precário” (Souza, 2012a, p. 168), relativa às implicações socializadoras de uma situação de privação social mais radical do que aquela da classe

popular francesa pintada em *A Distinção*, Souza define as disposições subjetivas típicas de cerca de 30% da população brasileira – faixa populacional a que ele se refere como “ralé” estrutural, termo utilizado não como reforço ao estigma já existente contra essa população, mas para sublinhar provocativamente o grau da penúria a que ela é submetida e que termina por se encarnar nas suas disposições “psicossociais” (Souza, 2009, p. 19). Ao passo que tais tipos sociais são residuais no cenário europeu estudado por Bourdieu, a existência dessa ampla população no Brasil oferece forte razão para alterar o modelo sociológico inspirado no caso francês. Outras modificações adaptativas são discerníveis, como a resposta de Souza às dificuldades de se estudar a classe média no Brasil, em virtude de acentuada polarização social que desloca os setores intermediários em direção a uma posição comparativamente próxima do que, na França, constituiria a fração dominada da classe dominante. No seio do campo acadêmico brasileiro, Souza utiliza a sociologia de Bourdieu para questionar a interpretação corrente do Brasil mediante os conceitos de “personalismo” e “patrimonialismo”. Um ponto de vista bem estabelecido até mesmo no “senso comum” nacional, o qual deita raízes nos trabalhos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, manifestando-se também nas obras de Raymundo Faoro e Roberto Da Matta, sustenta que o modo predominante de dominação no Brasil é historicamente ancorado em relações personalistas entre senhores e subordinados, como era típico de engenhos tradicionais segundo a descrição freyriana.

A partir do fim do século XIX, seguiu essa corrente interpretativa, esse personalismo teria se convertido em “patrimonialismo” na forma como a elite brasileira se

relacionava com o aparato estatal. Jessé Souza mescla os trabalhos de Bourdieu e Charles Taylor de modo a mostrar que, longe de se restringir ao modo tradicional de dominação anteriormente descrito, o Brasil testemunhou uma transição para formas de legitimação da desigualdade social tipicamente modernas e capitalistas. O membro da “ralé” não conseguiria, entretanto, cumprir as exigências da “ontologia do humano” que Taylor (1997) retrata como o núcleo da cultura ocidental. Conforme tais exigências, a dignidade humana deriva da autodisciplina nos domínios do trabalho e da família. Indivíduos cujas condições de socialização instilam neles um *habitus* precário possuem disposições que obstam sua conexão com o mercado e o Estado, precisamente as duas arenas institucionais que disseminaram aquela “ontologia do humano” no Brasil desde o século XIX. Nesse escopo analítico, Bourdieu torna-se um recurso fundamental para o modo como Souza se posiciona em relação aos clássicos do pensamento social brasileiro e da sociologia acadêmica. Por meio das inovações conceituais disponibilizadas por Bourdieu, as quais põem Souza em diálogo especial com o trabalho de Florestan Fernandes, Souza desenvolve uma reinterpretação da desigualdade brasileira e das formas pelas quais ela é ideologicamente naturalizada. Por meio dessa interpretação mais global da desigualdade brasileira com base em Bourdieu, Souza conseguiu ocupar o lugar de um dos mais destacados intelectuais públicos de esquerda, lugar este que Bourdieu defendeu ostensivamente a partir da ascensão do neoliberalismo na década de 1990, e que Miceli (2013) recusou, talvez por suas reservas quanto à proximidade entre a sociologia e a política, típicas da tradição paulista que ele mesmo ajudou a consagrar.

O teórico social: Bourdieu fora do lugar

Em compasso com o “racionalismo aplicado” de Bachelard (1966), a epistemologia sociológica de Bourdieu se baseia na interpenetração sistemática entre reflexão teórica e pesquisa empírica. Em uma postura que ele exprimiu em uma famosa paráfrase de Kant, o sociólogo francês manteve, ao longo de toda a sua carreira, que a pesquisa empírica sem a teoria é “cega”, enquanto a teoria sem pesquisa empírica é “vazia” (Bourdieu; Wacquant, 1992, p. 162). Essa tentativa de trilhar uma via média entre a “grande teoria” ao estilo parsonianiano – a “teoria teórica”, diria Bourdieu –, de um lado, e o empiricismo positivista, de outro, afetou a recepção do trabalho de Bourdieu nas ciências sociais no Brasil. A diretriz epistemológica de acordo com a qual os instrumentos teóricos de Bourdieu não deveriam ser discutidos “escolasticamente”, mas apenas no contexto de sua aplicação inventiva ao estudo de objetos empíricos específicos, parece haver guiado – pelo menos implicitamente – o trabalho dos cientistas sociais que lideraram sua recepção no Brasil. Nesse sentido, por exemplo, os estudos dos antropólogos do Museu Nacional sobre as transformações socioeconômicas em cenários rurais, assim como as investigações de Sérgio Miceli sobre os campos de produção cultural restrita e ampliada no Brasil, são instâncias felizes da fertilização recíproca entre teoria e pesquisa que Bourdieu sempre defendeu. De acordo com esse ponto de vista epistêmico, esses trabalhos podem ser lidos não apenas como demonstrações da potência heurística das ferramentas teóricas de Bourdieu, mas também como refinamentos analíticos de tais ferramentas em resposta às particularidades dos contextos sociais brasileiros.

A versatilidade empírica do esquema analítico de Bourdieu é certamente parte de seu forte apelo para sociólogos brasileiros contemporâneos, os quais, a esse respeito, seguem uma tendência internacional mais ampla que ajuda a explicar a enorme influência daquele autor nas ciências sociais ao redor do mundo. As suspeitas de Bourdieu quanto a reflexões teóricas que não derivem diretamente do engajamento do próprio teórico com a pesquisa empírica destoam, é claro, das concepções de “teoria social” como um empreendimento intelectual relativamente autônomo (Alexander, 1987). A ideia de “teoria social” como uma empresa intelectual parcialmente independente, situada a meio caminho entre a filosofia propriamente dita e a pesquisa social empiricamente orientada, foi legitimada na ciência social britânica graças à influência de autores como Giddens (2003, p. XVII-XVIII). Também em contraste com as exigentes demandas de Bourdieu quanto ao nexos teoria-pesquisa, a divisão metodológica entre a especulação filosófica e a teorização social parece ser concebida de modo mais solto nos trabalhos de intelectuais alemães influentes entre teóricos sociais brasileiros, tais como Theodor Adorno, Jürgen Habermas, Niklas Luhmann e Axel Honneth¹¹.

De qualquer modo, a tentativa de instituir espaços de debate acadêmico especificamente dirigidos a questões socioteóricas parece haver ganhado força no Brasil no fim dos anos de 1990 e no início dos anos 2000. Essa tendência refletiu-se na criação e na manutenção bem-sucedida dos Grupos de Trabalho (GTs) em “Teoria Social” e “Teoria Sociológica” nos congressos bianuais da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e nos encontros anuais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs) (Avritzer; Domingues, 2000; Pinto, 2009; Silva, 2012; Hamlin; Vandenberghe; Perrusi, 2014). Não há dúvida de que os pesquisadores envolvidos no estabelecimento da teoria “social” ou “sociológica” como um domínio intelectual autônomo no Brasil partilham com seus homólogos britânicos e alemães o gosto por temas e problemas situados na interface entre a filosofia e as ciências sociais. No Brasil, ademais, a relação entre teorias do mundo social e as realidades empíricas às quais elas se referem (originária e potencialmente) foi tremendamente complicada pelo *status* periférico que os intelectuais brasileiros ocupam na circulação internacional de ideias. Tanto antes quanto após sua institucionalização como sociologia acadêmica, o pensamento social brasileiro foi perseguido

11 Como as ilustrações aduzidas neste artigo já indicam, divisões intelectuais nos campos nacionais de recepção da obra de Bourdieu condicionaram também a maneira como sua praxiologia estrutural foi pensada em relação a outras abordagens teóricas, a exemplo das variantes da teoria marxista. Na Alemanha, segundo a análise de Gemperle (2009), autores atraídos pelas ressonâncias estruturalistas da abordagem bourdieusiana da cultura a mobilizaram para atacar tanto o marxismo ortodoxo quanto o marxismo neo-hegeliano associado à Escola de Frankfurt. Com efeito, a despeito da virulência dos ataques que Bourdieu (1996a, p. 159-176) dirigiu a Althusser e althusserianos, intérpretes em mais de um contexto nacional notaram similaridades entre os argumentos de *A reprodução* e as considerações althusserianas sobre a escola como “aparato ideológico de estado”. Semelhanças entre Althusser e Bourdieu também foram registradas no tocante à epistemologia racionalista que um e outro derivaram das lições de Bachelard sobre a “ruptura epistemológica” com o senso comum e a “construção do objeto” na ciência. Por exemplo, na segunda metade dos anos de 1970, o então althusserianíssimo Manuel Castells, recém-chegado da França, encomendou a tradução das “preliminares epistemológicas” que abrem *Le métier du sociologue* para incluí-las no seu curso sobre métodos de pesquisa na Flacso-Chile (Baranger, 2008, p. 7).

pelo problema das “ideias fora do lugar”. Utilizada em sentido admitidamente bem mais frouxo do que o dado a ela em famoso trabalho de Roberto Schwarz (2000) sobre Machado de Assis, a expressão abarca os dilemas envolvidos na complexa tarefa de aplicação e teste de teorias substantivas e ideais normativos europeus e estadunidenses às realidades sociais brasileiras, que frequentemente diferem de modo significativo dos contextos do Atlântico Norte nos quais tais teorias e ideais foram primeiramente elaborados. Os debates a respeito de como intelectuais brasileiros devem enfrentar sua posição de desvantagem na circulação internacional de ideias produziram uma variedade de pontos de vista, os quais podem ser situados em um contínuo entre dois polos ideal-típicos: de um lado, a importação acrítica e a imitação servil das últimas novidades efluentes dos centros ocidentais de produção intelectual; de outro, uma “epistemologia nacionalista” que sustenta serem as teorias estrangeiras completamente inadequadas como ferramentas analíticas para a compreensão da sociedade brasileira, de modo que os cientistas sociais brasileiros deveriam formular teorias indutivamente baseadas no estudo empírico de nossas realidades. Entre esses dois extremos, há muitos pontos de vista sintéticos que advogam por uma *via media* entre o nativismo intelectual – que pretende cortar nossos laços com os recursos potencialmente valiosos de perspectivas estrangeiras – e “o complexo de vira-lata” – que permanece antenado às inovações intelectuais advindas do centro, mas não ousa se engajar na teorização original a partir da periferia. Com efeito, o ideal de uma relação soberana com outras tradições intelectuais, bem como a noção “antropofágica” de que a mistura dessas diferentes tradições é um caminho para a criatividade

de intelectual, parecem marcar os debates teóricos no Brasil – se não na prática, pelo menos como um desiderato regulativo.

Como que retribuindo a atitude altamente crítica de Bourdieu em relação às propensões “escolásticas” da “teoria teórica”, os fóruns de debate sobre a “teoria social” no Brasil, sobretudo quando a expressão é compreendida em um sentido interdisciplinar que a aproxima da filosofia e de preocupações normativas da teoria política, têm tendido a atrair, com mais frequência, autores influenciados por outras tradições intelectuais (*e.g.*, Avritzer; Domingues, 2000). No grupo relativamente coeso e estável de pesquisadores do “GT de Teoria Social” da Anpocs, por exemplo, o impacto da “teoria crítica” associada aos membros da Escola de Frankfurt em sua primeira (Adorno, Horkheimer, Benjamin), segunda (Habermas) e terceira (Honneth) gerações tem sido mais forte do que a influência de Bourdieu (Silva, 2012). Enquanto isso, pesquisadores significativamente influenciados pelo modelo teórico de Bourdieu recorrem costumeiramente à teoria *in actu*, isto é, já aplicada a domínios específicos de pesquisa, tais como a sociologia da cultura, a sociologia dos intelectuais e a sociologia econômica, entre vários outros. Embora esse uso inventivo das ferramentas analíticas de Bourdieu seja fiel às suas intenções epistemológicas, ele pode dissolver, em certa medida, o senso de sua presença como “teórico” nos debates socio-científicos no Brasil.

Tais teses mereciam ser substanciadas com uma análise de conteúdo detalhada dos *papers* e das apresentações dos GTs e seminários temáticos (STs) de “Teoria Social” e “Teoria Sociológica” nos congressos bianuais da SBS e nos encontros anuais da Anpocs – análise que não temos espaço para

realizar aqui. Uma consulta preliminar aos anais de tais eventos¹² é suficiente para produzir, entretanto, alguns resultados sugestivos. Começemos com o intervalo que vai da instauração do “GT de Teoria Social” da Anpocs em 1997 até 2018. O aparecimento, nesse fórum, de trabalhos que tomaram a sociologia de Bourdieu por objeto primordial de inquérito teórico se deu pela primeira vez em 2007 (3º e 4º trabalhos da 2ª sessão). Com a inclusão de tais trabalhos, mas excetuando-se apresentações de painel, o total de *papers* devotados ao pensamento do sociólogo francês até o momento da escrita deste artigo chega a cinco (com mais um em 2008, um em 2017 e um em 2018). Tomando-se somente as referências nominais a um autor nos próprios títulos dos trabalhos, o score de Bourdieu revela-se o mesmo de Honneth (5) e não muito abaixo daqueles de Habermas (6), Luhmann (6) ou Weber (7). A presença maior dos três últimos em relação ao primeiro mostra-se, entretanto, quando consideramos a presença de diferentes autores no GT não apenas com base nas menções a eles feitas em títulos, mas também a partir dos graus em que os ditos autores aparecem nos próprios trabalhos como referenciais analíticos. Por exemplo, para além dos estudos em que ele é nomeado no título, Honneth tem presença muito significativa nos vários trabalhos que tratam de teorias críticas do reconhecimento (11). De maneira análoga, a presença de Habermas nas discussões do GT mostra-se significativamente mais vistosa quando levamos em consideração o número de trabalhos que versam sobre temas como teoria crítica (7), democracia (5), cidadania (8), espaço público (3) e cosmo-

politismo (2). Uma checagem dos trabalhos sobre modernidade(s) (11) e globalização (9) também indicará, para dar um último exemplo, que figuras como Beck e Giddens apareceram com bem mais frequência do que Bourdieu nas discussões do GT, sobretudo na sua primeira dúzia de anos.

Uma investigação dos trabalhos apresentados no GT de Teoria Sociológica dos Congressos Brasileiros de Sociologia do intervalo 2003-2017 faz emergir um retrato diferente no que toca à presença – nesse caso, muito maior – de Bourdieu. A julgar somente pelos títulos, o autor aparece como figura central em 15 trabalhos, ficando bem à frente de quaisquer outros contemporâneos, um pouco à frente de Durkheim (12) e atrás apenas de Weber (19). As diferenças entre o GT de Teoria Social da Anpocs e o GT de Teoria Sociológica da SBS no que toca à circulação das ideias de Bourdieu teriam de ser remontadas, desnecessário dizer, a uma variedade de fatores. Um desses fatores, é plausível supor, consiste na identificação mais exclusiva do GT de Teoria Sociológica da SBS, por motivos óbvios, ao domínio disciplinar encarnado pelo sociólogo francês. Em contraste, o GT de Teoria Social da Anpocs, ocorrendo no encontro de uma associação que integra antropologia, sociologia e ciência política, além de haver contado com dois cientistas políticos entre seus coordenadores (Leonardo Avritzer [1997-2001] e Céli Regina Jardim Pinto [2007-2009]), foi, desde o seu início, um fórum de debates sociocientíficos mais interdisciplinares, especialmente no que tange ao entrecruzamento de preocupações teórico-sociológicas com questões que uma classificação mais ortodoxa situaria no domínio

12 Foram consultados os anais impressos e eletrônicos dos encontros anuais da Anpocs no intervalo 1997-2018 (*i.e.*, desde a fundação de um GT voltado à teoria social) e dos congressos bianuais da SBS no intervalo 2003-2019.

da teoria política e, mais recentemente, nas interdisciplinas conhecidas como *Studies* (e.g., os estudos pós-coloniais)¹³.

No que toca às interpretações e às críticas do modelo de Bourdieu entre teóricos brasileiros, podem-se encontrar similaridades gerais com a recepção que o seu trabalho encontrou no mundo anglófono. *Grosso modo*, Bourdieu foi retratado como um teórico da reprodução social mais do que da mudança, da dominação mais do que da resistência e das disposições infraconscientes dos agentes humanos mais do que de suas faculdades reflexivas. Essa leitura crítica tendeu a ser reforçada pelo fluxo de traduções dos seus trabalhos em solo brasileiro. Conquanto *A economia das trocas simbólicas* contenha o famoso texto em que Bourdieu sistematiza seu conceito de *habitus* por meio de uma análise do estudo de Panofsky sobre a arquitetura gótica e o pensamento escolástico (Bourdieu, 1974, p. 337-361), a maior parte do livro é devotada ao estudo teórico-empírico da noção de campo (por exemplo, o texto em que Bourdieu elabora o conceito por meio de uma interpretação original da sociologia das religiões de Max

Weber) e de poder simbólico (por exemplo, seus escritos sobre o sistema educacional). Ao lidar com a integração entre os diferentes aspectos analíticos da sociologia do poder simbólico de Bourdieu, os quais estão embutidos uns nos outros à maneira de “bonecas russas” (Vandenberghe, 2010, p. 293), a excelente introdução de Miceli ao volume já trata da tentativa de superação praxiológica da dicotomia entre modos objetivistas e subjetivistas de conhecimento do social. Pode-se dizer, no entanto, que a ênfase predominante da apresentação feita por Miceli, assim como da seleção de textos reunidos na coletânea por ele organizada, inclina-se menos à praxiologia como síntese entre objetivismo e subjetivismo do que à sociologia bourdieusiana da cultura como síntese entre diferentes abordagens dos sistemas simbólicos (por exemplo, entre análises “internalistas” que enfatizam suas funções de conhecimento e comunicação, de um lado, e análises “externalistas” que acentuam suas funções de dominação, de outro). A coletânea organizada e apresentada por Ortiz na coleção “Grandes Cientistas Sociais”, saindo em 1983, complementa

13 Ainda que, para uma variedade de intentos analíticos, os termos “teoria social” e “teoria sociológica” possam ser utilizados de maneira intercambiável, é útil lembrar o modo como tal distinção é mobilizada por certos autores (e.g., Giddens, 2003, p. XVII-XVIII) para designar empreendimentos intelectuais situados em níveis diversos de abstração: enquanto a teoria social versaria sobre temáticas relativas às sociedades humanas como tais (a natureza da agência, o *status* ontológico dos coletivos e assim por diante), a teoria sociológica trataria não do conjunto dos contextos sociais humanos, mas dos traços estruturais e tendências de desenvolvimento próprios às sociedades *modernas*, incluindo-se aí as continuidades e as descontinuidades implicadas em conceitos como os de “modernidade tardia”, “modernidade reflexiva”, “segunda modernidade”, “pós-modernidade”, “modernidades múltiplas” e congêneres. Uma pesquisa nos anais dos Encontros da Anpocs mostrará que, desde sua instauração em 1997, o “GT de Teoria Social” abrigou uma quantidade muito maior de trabalhos voltados à segunda constelação de problemas (modernidade, reflexividade, complexidade, pluralismo, globalização, transnacionalismo, cosmopolitismo, pós-colonialismo etc.) do que à primeira. Se Bourdieu formulou alguns dos *insights* fulcrais de sua sociologia via estudo de processos de “modernização” na Argélia dos anos de 1950 (Peters, 2017b), assim como sublinhou a aplicabilidade do modelo d’*A distinção* a modernas sociedades de classe para além da francesa, é certo, ainda assim, que seu modo de teorização sociológica discrepa daqueles estilos de análise social que a tomam primordialmente como diagnóstico da(s) modernidade(s) com intenção crítica, entremeadando discussões sociocientíficas com argumentos de cunho filosófico-normativo. Isso também ajuda a explicar a menor presença do autor francês, em comparação com figuras como Habermas ou Honneth, nos trabalhos apresentados no GT.

aquela de Miceli ao trazer o foco central, por outro lado, para a primeira das sínteses teóricas citadas. O volume inclui o terceiro capítulo de “Esboço de uma teoria da prática” (Bourdieu, 1983, p. 46-81), no qual Bourdieu desenvolve a ideia de uma “cumplicidade ontológica” entre disposições subjetivas e condições objetivas. É interessante notar que a também excelente introdução de Ortiz ao livro contém uma seção na qual ele critica respeitosamente o quadro teórico de Bourdieu como mais apto ao estudo da reprodução do que da mudança socioestrutural (Bourdieu, 1983, p. 25-29).

Pode-se dizer que o ponto de vista de Ortiz (1983) antecipa o cerne da recepção crítica do trabalho de Bourdieu entre teóricos sociais no Brasil. Com base em um referencial internacional de maior escopo, no entanto, as visões críticas de Bourdieu sobre a fenomenologia de Sartre e o estruturalismo de Lévi-Strauss, como exemplares respectivos de subjetivismo e objetivismo, tenderam a ser substituídas por um retrato da sua teoria da prática como parte do que Jeffrey Alexander (1987) denominou “o novo movimento teórico” das décadas de 1970 e 1980. Em outras palavras, entre os teóricos sociais no Brasil, o trabalho de Bourdieu não foi lido somente (ou principalmente) contra o pano de fundo do seu cenário intelectual na França, mas como estrela em uma constelação transnacional que incluía, por exemplo, a teoria da estruturação de Giddens e a teoria da ação comunicativa de Habermas. De acordo com o argumento de Alexander – formulado também em um dos poucos manuais de teoria sociológica escritos por um autor brasileiro: *Teorias sociológicas no século XX* (2001), de José Maurício Domingues –, a teoria da prática de Bourdieu deveria ser interpretada como parte de um esforço internacional mais amplo para

teorizar os vínculos entre “agência” e “estrutura”, assim como entre os níveis “micro” e “macro” da vida social. Ao mesmo tempo, além dos ataques ao seu “reprodutivismo” mencionados anteriormente, duas outras principais críticas foram feitas à praxiologia de Bourdieu:

- sua síntese entre ferramentas objetivistas e subjetivistas teria sido fortemente inclinada na direção das primeiras em vez das segundas, de modo tal que seu esquema teórico seria uma espécie de “neo-objetivismo”;
- sua teoria do *habitus*, embora atacasse corretamente modelos intelectualistas da conduta humana, tendeu a subestimar os poderes de deliberação consciente dos agentes leigos (Vandenberghe, 2010; Peters, 2013).

Em virtude dos fatores elencados anteriormente, a discussão teórica sobre a sociologia de Bourdieu corre o risco de se subdividir entre pesquisadores que a estudam em detalhe, mas preferem mobilizá-la como ferramenta de investigação, e teóricos que dispensam um engajamento mais detalhado com os argumentos de Bourdieu, com base em um senso apressadamente construído de suas deficiências analíticas (“reprodutivismo”, “determinismo” etc.). De modo ainda mais contraproducente, tal divisão apresenta o risco de engendrar também um cenário de superficialidade partilhada entre a “bourdiolatria”, que simplesmente aplica a novos objetos ferramentas bourdieusianas tomadas previamente como válidas, e a “bourdiofobia”, negligente quanto aos riscos de leituras simplistas encorajadas pelos rótulos críticos habitualmente dirigidos contra Bourdieu. A acusação de “reprodutivismo”, por exemplo, tem sua dose de verdade, mas normalmente ignora os escritos

de Bourdieu sobre a mudança social, como suas já mencionadas investigações das transformações abruptas da sociedade argelina nos anos de 1950 ou sua explicação sociológica do Maio de 68 na França (Peters, 2013; 2017a; Valle, 2013). A importância teórica dessa análise em *Homo academicus* (Bourdieu, 2011) se conecta não apenas ao modo como o esquema de Bourdieu enfrenta o problema da mudança social, mas também às suas visões sobre como a ruptura da cumplicidade ontológica entre *habitus* e campo (“o efeito de histerese”) pode levar à reflexividade, à crítica e à transformação deliberada do mundo social pela ação coletiva. Vale a pena notar, entretanto, que *Homo academicus* foi traduzido para o português apenas em 2011, e não é normalmente citado, de qualquer modo, como diretamente relevante para a compreensão das principais ferramentas *teóricas* de Bourdieu. Exceções importantes a essa regra incluem um artigo de Ione Ribeiro Valle (2013), a mesma pesquisadora responsável, com Nilton Valle, pela tradução da obra de Bourdieu sobre seu próprio microcosmo acadêmico.

Tudo isso dito, não há dúvida, por outro lado, de que leituras atentas às nuances, às sutilezas e às complexidades da obra de Bourdieu, como acontece com aquelas de um Marx ou um Weber, podem acabar deslizando para a postura “bourdólatra” de tomar qualquer identificação de limitações analíticas na sociologia do mestre como efluentes de má compreensão. Trata-se de um erro segundo o próprio *modus operandi* de pesquisa sociológica encorajado por Bourdieu, o qual não fugiu da tarefa de pensar não apenas com, mas também contra pensadores consagrados como Marx, Weber, Durkheim, Husserl, Merleau-Ponty, Goffman e Lévi-Strauss, entre tantos outros.

Conclusão

Com base na formação de uma rede de cooperação franco-brasileira constituída em torno de Pierre Bourdieu nos anos de 1970, o seu pensamento foi difundido do lado de cá do Atlântico e passou a fazer parte de múltiplas clivagens que se desenhavam no campo das ciências sociais brasileiras. A primeira delas separa os estudos sobre as classes populares das análises das classes dominantes. Embora as pesquisas conduzidas pelos professores e pelos estudantes do Museu Nacional muitas vezes contemplassem o polo dominante da relação, a ênfase recaía nas trajetórias dos trabalhadores rurais em processo de reconversão. De outro lado, a tese de Miceli orientada por Bourdieu inaugura uma série de estudos sobre a constituição de campos da produção simbólica nos quais os intelectuais se encarregam do trabalho de dominação, em proximidade com o campo do poder. O fato de retomarem uma questão posta desde o modernismo – a do papel dos intelectuais na construção nacional – deve ter contribuído para a maior visibilidade desses estudos no Brasil.

A segunda clivagem remete às disputas entre as ciências sociais do Rio de Janeiro e de São Paulo, reencarnada na luta entre os egressos do Museu Nacional e da FGV/USP pela autoridade de contar a história da recepção da obra de Bourdieu no Brasil. Como era de se esperar em abordagens que procuram estar cientes de seus próprios condicionamentos sociológicos, a literatura emergente sobre a recepção de Bourdieu no Brasil como que atualiza as diferenças entre os meios acadêmicos paulista e carioca que desempenharam papel importante naquela própria recepção. O debate entre o sociólogo da USP Fernando Pinheiro e o antropólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

José Sérgio Leite Lopes, por exemplo, mostra tentativas curiosas – em ambos os casos, bem fundamentadas – de mostrar o influxo carioca na academia paulista e o influxo paulista na academia carioca. Apesar das disputas, no momento atual de despertar do interesse pelo tema, o papel dos pesquisadores situados no Rio de Janeiro no processo tem alcançado reconhecimento maior, e as colaborações entre eles e os “paulistas” têm sido enfatizadas de parte a parte. Uma vez consolidada a divisão do trabalho de mediação da obra de Bourdieu no Brasil, os conflitos presentes no momento de formação da rede de cooperação foram parcialmente esvaziados. Entretanto, não se trata de simples manifestação de um “narcisismo das pequenas diferenças”, e sim da maneira como o campo das ciências sociais se estruturou no país, configurando a posição dominante das instituições paulistas e confinando as cariocas ao lugar de pretendentes mais poderosas. Ficam de fora dessa história todos os outros atores que integram o campo das ciências sociais brasileiras, no momento em que parece haver uma descentralização da produção do conhecimento para além do eixo Rio-São Paulo.

Por fim, as tensões decorrentes da consagração de Bourdieu no Brasil e do ambíguo prestígio entre nós da área da “Teoria Social” colocam a disputa em torno da legitimidade de tratar o francês como um autor de “teoria”. Por um lado, submeter seu trabalho a debates abstratos acerca de suas concepções de “agência” e “estrutura” ou “poder” e “comunicação”, por exemplo, significa ter de enfrentar as críticas comuns à “teoria teórica” que não procede por meio da interrogação empírica de novos objetos, mas da discussão “escolástica”. Por outro lado, mobilizar uma teoria como a bourdieusiana *qua* ferramenta de “construção de objeto” em uma área de pesquisa específica (por exemplo, sociologia

da arte) já é assumir, de antemão, a validade de pelo menos *alguns* de seus pressupostos, de maneira que a crítica bourdieusiana da “teoria teórica” periga funcionar como estratégia de imunização intelectual. Afinal, Bourdieu provavelmente não foi o único a desejar que seus conceitos fossem empiricamente utilizados em vez de analiticamente criticados; não há dúvida de que mesmo “teóricos de gabinete”, tais como Habermas e Giddens, também prefeririam ver suas teses e conceitos empregados em variadas pesquisas empíricas do que submetidos à crítica teórica. No que toca a nós, pesquisadores latino-americanos, o problema é complicado, ademais, pelos riscos de que as contribuições potenciais de pesquisadores brasileiros à *teoria social como tal* sejam ignoradas em favor de aplicações empíricas, mesmo que inegavelmente engenhosas, das teorias formuladas nos centros da Euro-América – como se não pudesse haver teoria social *no* Brasil que não fosse teoria social *do* (e somente do) Brasil, em contraste, digamos, com a capacidade que a sociologia de Bourdieu tem de viajar para além da França ou que a teoria crítica de Habermas tem de viajar para além da Alemanha.

O fato de que Bourdieu fornece ferramentas intelectuais aptas a enfrentar problemas novos e dilemas inesperados, oriundos de uma sociedade para a qual suas ideias viajaram, mas em que ele nunca pisou, dá testemunho de uma espécie de *potencial peregrino* inerente à sua obra. Entre cientistas sociais brasileiros ou de qualquer outra nacionalidade, lembraria o autor francês, lançar um olhar sociológico “objetivante” para a própria dinâmica da produção sociocientífica não é abandonar a pretensão à autonomia da ciência social, mas, ao contrário, avançar na compreensão e na manutenção das suas condições intelectuais e institucionais de possibilidade (Peters, 2017b). De resto, se

podéssemos concluir com lições bourdieusianas que estão para além dos propósitos deste artigo, diríamos que os ataques ferozes do bolsonarismo corrente às ciências sociais brasileiras são um lembrete ostensivo de uma circunstância mais geral (válida para a Itália

de Mussolini assim como para a China de Mao, para a Argentina de Videla assim como para a antiga URSS): é porque é invariavelmente *combatida* que a sociologia só pode perdurar, no Brasil e alhures, como um “esporte de combate”.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, J. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, 1987.
- ALTHUSSER, L. **Por Marx**. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- ALVIM, R.; LOPES, J. S. L. Familles ouvrières, familles d'ouvrières. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 84, p. 78-84, 1990.
- ARRUDA, M. A. do N. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: MICELI, S. (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. v. 2. p. 107-231.
- ARRUDA, M. A. do N. Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação. **Tempo Social**, v. 16 n. 1, p. 107-118, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100006>
- ARRUDA, M. A. do N. Sociologia da Cultura e Sociologia da Comunicação de Massa: Esboço de uma Problemática. In: MARTINS, C. B.; MARTINS, H. H. T. de S. (orgs.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**: Sociologia. São Paulo: Barcarolla, 2010. p. 253-277.
- AVRITZER, L.; DOMINGUES, J. M. (orgs.). **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- BACHELARD, G. **Le rationalisme appliqué**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.
- BARANGER, D. The reception of Bourdieu in Latin America and Argentina. **Sociologica**, n. 2, p. 1-20, 2008. <http://doi.org/10.2383/27724>
- BORTOLUCI, J. H.; JACKSON, L. C.; PINHEIRO FILHO, F. A. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Lua Nova**, n. 94, p. 217-254, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-64452015009400008>
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996a.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. (org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, R. (org.). **Bourdieu** (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- BOURDIEU, P. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1988.
- BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas sociais. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1981.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BOURDIEU, P. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais.)
- BOURDIEU, P. The social conditions of the international circulation of ideas. *In*: SHUSTERMAN, R. (org.). **Bourdieu: a critical reader**. Oxford: Blackwell, 1999.
- BOURDIEU, P. *et al.* **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris/Haia: Mouton, 1963.
- BOURDIEU, P.; MICELI, S. **Liber I**. São Paulo: Edusp, 1997.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. O tempo e o espaço no mundo estudantil. *In*: BRITTO, S. **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v. 4.
- BOURDIEU, P.; SAYAD, A. **Le déracinement**: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- BRUBAKER, R. Rethinking Classical Theory: the sociological vision of Pierre Bourdieu. **Theory and Society**, v. 14, p. 745-775, 1985. <https://doi.org/10.1007/BF00174049>
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CATANI, A. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 57-75, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200005>
- CATANI, A.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, p. 63-85, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000200006>
- CHEN, N.; ZANG, X. Bourdieu and Chinese Sociology. **Sociologica**, n. 1, p. 1-16, 2009. <http://doi.org/10.2383/29570>
- COHN, G. **Sociologia da comunicação**: teoria e ideologia. São Paulo: Pioneira, 1973a.

- COHN, G. (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Editora Nacional, 1973b.
- DIMAGGIO, P. Review Essay: On Pierre Bourdieu. *American Journal of Sociology*, v. 84, n. 6, p. 1460-1474, 1979.
- DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DURAND, J. C. Négociation politique et rénovation de l'architecture [Le Corbusier au Brésil]. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 88, p. 61-77, 1991.
- DURAND, J. C.; ZANOTTA, L. **Educação e hegemonia de classe**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FARIAS, E. O Protocolo de Pesquisa da Circulação na Sociologia da Cultura, no Brasil. **Sociedade & Estado**, v. 31, n. 3, p. 583-614, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016.00030002>
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008a.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2008b.
- FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Nacional, 1967.
- FOURNIER, M.; VÉCRIN, L. Pierre Bourdieu in Canada. **Sociologica**, n. 1, p. 1-15, 2009. <http://doi.org/10.2383/29571>
- GARCIA, M.-F. La construction sociale d'un marché parfait. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 65, p. 2-13, 1986.
- GARCIA JR., A. Entrevista. **Revista Psicologia Social**. n. 42, v. 2. Romênia: Ed. Polirum, 2018.
- GARCIA JR., A. La construction interrompue. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 121-122, p. 52-61, mar. 1998.
- GARCIA JR., A. Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 98, p. 20-33, 1993.
- GARCIA JR., A. Les souvenirs d'un européen: Entre le Brésil, Terre d'avenir et le monde d'hier. Les derniers écrits de Stefan Zweig. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 1-2, n. 186-187, p. 112-131, 2011.
- GARCIA JR., A. Libres et assujettis. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 65, p. 14-40, 1986.
- GEMPERLE, M. The double character of the German "Bourdieu": on the twofold use of Pierre Bourdieu's work in the German-speaking Social Sciences. **Sociologica**, n. 1, p. 1-32, 2009. <http://doi.org/10.2383/29573>
- GERLERNTER, L.; SILBER, I. F. Bourdieu's reception in Israeli Sociology. **Sociologica**, n. 1, p. 1-28, 2009. <http://doi.org/10.2383/29572>
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HAMLIN, C.; VANDENBERGHE, F.; PERRUSI, A. O pluralismo na teoria social: novas frentes/fronteiras na teoria social contemporânea. **Política & Trabalho**, n. 40, p. 13-33, 2014.
- HEILBRON, J.; SAPIRO, G. Outline for a sociology of Translation: Current Issues and Future Prospects. *In*: WOLF, M.; FUKARI, A. **Constructing a sociology of translation**. Amsterdã: John Benjamins, 2007. p. 93-107.
- HOLDT, K. V. Reading Bourdieu in South Africa: order meets disorder. *In*: MEDVETZ, T.; SALLAZ, J. J. (orgs.). **The Oxford Handbook of Pierre Bourdieu**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 105-128.

- LAMONT, M. How has Bourdieu been good to think with: the case of the United States. **Sociological Forum**, v. 27, n. 1, p. 228-237, 2012.
- LIZARDO, O. The three phases of Bourdieu's US reception: some comments on Lamont. **Sociological Forum**, v. 27, n. 1, p. 238-244, 2012. <http://doi.org/10.1111/j.1573-7861.2011.01310.x>
- LOPES, J. S. L. Touraine e Bourdieu nas ciências sociais brasileiras, duas recepções diferenciadas. **Sociologia & Antropologia**, v. 3, n. 5, p. 43-79, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752013v352>
- LOPES, J. S. L.; FAGUER, J.-P. L'invention du style brésilien. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 103, p. 27-35, 1994.
- LOPES, J. S. L.; MARESCA, S. La disparition de "la joie du peuple". **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 79, p. 21-36, 1989.
- LOUREIRO, M. R. L'ascension des économistes au Brésil. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 108, p. 70-78, 1995.
- LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. (Série Pensamento Contemporâneo, 1.)
- MARTINS, C. B. As origens da pós-graduação nacional (1960-1980). **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 13, 2018. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.256>
- MCLEVEY, J.; STROKES, A.; HOWARD, A. Bourdieu's uneven influence on Anglophone Canadian Sociology. *In*: MEDVETZ, T.; SALLAZ, J. J. (orgs.). **The Oxford Handbook of Pierre Bourdieu**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 88-104.
- MICELI, S. A força do sentido. *In*: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. I-LXI.
- MICELI, S. **A noite da madrinha**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MICELI, S. Division du travail entre les sexes et division du travail de domination [une étude clinique des anatoliens au Brésil]. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 1, n. 5-6, p. 162-182, 1975.
- MICELI, S. Effet de réel et réalité de l'illusion. Le Flaubert de Bourdieu. *In*: PINTO, L.; SAPIRO, G.; CHAMPAGNE, P. **Pierre Bourdieu, sociologue**. Paris: Fayard, 2004.
- MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice: IDESP, 1989.
- MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
- MICELI, S. Les intellectuels et le pouvoir au Brésil. Paris: Maison des Sciences de l'Homme; Grenoble: Presse Universitaire de Grenoble, 1981.
- MICELI, S. **Nacional Estrangeiro: História Social e Cultural do Modernismo Artístico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MICELI, S. **Sérgio Miceli (depoimento, 2012)**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2013. 41 p.
- MUNIZ JR., J. de S.; RODRIGUES, L. S. Entrevista a Sergio Miceli. Buenos Aires: **Prismas**, 2018. n. 22.
- NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação no final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Em Aberto**, n. 46, p. 49-58, 1990.

- ORTIZ, R. **A Moderna Tradição Brasileira**: Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ORTIZ, R. A procura de uma sociologia da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-36. (Coleção Grandes Cientistas Sociais.)
- ORTIZ, R. Nota sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Sociologia & Antropologia**, v. 3, n. 5, p. 81-90, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752013v353>
- PALMEIRA, M. **Latifundium et capitalismo au Brésil: lecture critique d'un débat**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Université René Descartes, Paris, 1971.
- PERRUSO, M. A.; ARAÚJO, M. da S. (orgs.). **Ciência e Política**: memórias de intelectuais. Rio: Mauad/Faperj, 2015.
- PETERS, G. A ciência como sublimação: o desafio da objetividade na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu. **Sociologias**, v. 19, n. 45, p. 336-369, 2017a. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004514>
- PETERS, G. Bourdieu's Algerian crossroads. **International Sociology**, v. 31, n. 2, p. 127-137, 2016. <https://doi.org/10.1177%2F0268580915627081>
- PETERS, G. De volta à Argélia: a encruzilhada etnossociológica de Bourdieu. **Tempo Social**, v. 29, n. 1, p. 275-303, 2017b. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.104448>
- PETERS, G. *Habitus*, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, p. 47-71, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000300004>
- PINHEIRO FILHO, F. A. The renovation: aspects of Pierre Bourdieu's reception in Brazil. **Sociologia**, n. 1, p. 1-18, 2009. <http://dx.doi.org/10.2383/29574>
- PINTO, C. R. J. Por onde andou a Teoria Crítica no Brasil? (o GT de Teoria Social na ANPOCS). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 63, p. 7-23, 2009.
- RAMOS, G. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- ROCHA, M. E. da M. Em busca de um ponto cego: notas sobre a sociologia da cultura no Brasil e a diluição da mídia como objeto sociológico. **Sociedade & Estado**, v. 26, n. 3, p. 25-38, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000300002>
- RODRIGUES, L. S. Centralidade de um cosmopolitismo periférico: a coleção 'Grandes Cientistas Sociais' no espaço das ciências sociais brasileiras (1978-1990). **Sociedade & Estado**, v. 33, n. 3, p. 675-708, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-6992-201833030002>
- SALLAZ, J.; ZAVISCA, J. Bourdieu in American Sociology, 1980–2004. **Annual Review of Sociology**, v. 33, p. 21-41, 2007. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.33.040406.131627>
- SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. *In*: _____. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- SILVA, J. P. Teoria Social no Brasil: balanço preliminar de uma experiência recente. *In*: SILVA, J. P. (org.). **Sociologia Crítica no Brasil**. São Paulo: Annablume/Comunicação, 2012. p. 13-22.
- SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: IUPERJ/UFMG, 2012a.
- SOUZA, J. (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

- SOUZA, J. (org.). **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- SOUZA, J. (org.). **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012b.
- TAVOLARO, S. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 59, p. 5-22, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092005000300001>
- TAYLOR, C. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- VALLE, I. R. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Diálogo Educacional**, v. 13, n. 38, p. 411-437, 2013. <http://doi.org/10.7213/dialogo.educ.7629>
- VANDENBERGHE, F. **Teoria social realista**: um diálogo franco-britânico. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- VILLAS BOAS, G. **A vocação das ciências sociais no Brasil**: um estudo de sua produção em livros do acervo da Biblioteca Nacional, 1945-1966. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- WACQUANT, L. Bourdieu in America: notes on the transatlantic importation of social theory. *In*: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. (orgs.). **Bourdieu**: critical perspectives. Chicago: University of Chicago Press, 1993. p. 263-275.
- WOODWARD, I.; EMMISON, M. The intellectual reception of Bourdieu in Australian Social Sciences and Humanities. **Sociologica**, n. 1, p. 1-21, 2009. <http://doi.org/10.2383/31370>

Resumo

Facetas de um Bourdieu tupiniquim: momentos de sua recepção no Brasil

Em resposta à influência global da sociologia de Pierre Bourdieu, o estudo das condições sociais que governaram a recepção de sua obra em diferentes contextos nacionais tem atraído um número crescente de pesquisadores ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Ancorado em trabalhos voltados à história da recepção da obra de Bourdieu no cenário intelectual brasileiro, assim como em uma investigação em curso sobre a correspondência do autor com pesquisadores do Brasil, o presente artigo busca mostrar como as circunstâncias daquela recepção condicionaram as diferentes imagens atribuídas ao sociólogo francês nas ciências sociais brasileiras ao longo dos últimos 50 anos. Fatores como o andamento das traduções brasileiras de seus escritos e os conflitos internos ao campo intelectual nacional em torno de distintas agendas de pesquisa resultaram, afirmamos no presente texto, em retratos de Bourdieu que salientaram diferentes facetas do seu trabalho sociológico *in toto*, tais como a etnografia das classes populares, a sociologia da cultura nas suas facetas “restrita” e “ampliada” e, finalmente, a interpretação da(s) sociedade(s) de classe. A presença ambivalente da praxiologia estrutural de Bourdieu nas reflexões sobre teoria social no Brasil também será discutida, com ênfase especial sobre as implicações inauditas de sua crítica da “teoria teórica” para o problema das “ideias fora do lugar” em um cenário intelectual periférico.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Recepção de Bourdieu no Brasil; Sociologia da cultura; Classes sociais; Teoria social.

Abstract

Facets of a Brazilian Bourdieu: moments of his reception in Brazil

In response to the global influence of Pierre Bourdieu's sociology, the study of the social conditions that have governed the reception of his *oeuvre* within different national contexts has attracted a growing number of researchers from around the world, including Brazil. Based upon works that have focused on the history of the reception of Bourdieu's work in the Brazilian intellectual setting, as well as an ongoing investigation into the author's correspondence with researchers from Brazil, this article attempts to show how the circumstances of this reception have conditioned the different images ascribed to the French sociologist within the social sciences in Brazil over the last fifty years. Factors such as the pace of Brazilian translations of his writings and the internal conflicts around different research agendas within the national intellectual field have resulted, as we affirm in this text, in depictions of Bourdieu that have stressed different aspects of his sociological work *in toto*, such as the ethnography of popular classes, the sociology of culture in its "restricted" and "enlarged" dimensions and, finally, the interpretation of class society(ies). The ambivalent presence of Bourdieu's structural praxeology within social-theoretical reflections in Brazil will also be discussed, with a special emphasis upon the somewhat surprising implications of his critique of "theoretical theory" to the problem of "ideas out of place" within a peripheral intellectual setting.

Keywords: Pierre Bourdieu; Bourdieu's reception in Brazil; Sociology of culture; Social class; Social theory.

Résumé

Facettes d'un Bourdieu à la brésilienne : moments de sa réception au Brésil

En réponse à l'influence globale de la sociologie de Pierre Bourdieu, l'étude des conditions sociales qui ont présidé à la réception de ses travaux dans les différents contextes nationaux a attiré un nombre croissant de chercheurs du monde entier, y compris du Brésil. Ancré dans des ouvrages consacrés à l'histoire de la réception des travaux de Bourdieu sur la scène intellectuelle brésilienne, ainsi qu'à une enquête en cours sur la correspondance de l'auteur avec des chercheurs brésiliens, cet article cherche à montrer comment les circonstances de cette réception dans le scénario intellectuel brésilien ont dessiné les différentes images associées au sociologue français dans les sciences sociales brésiennes au cours des cinquante dernières années. Des facteurs tels que le rythme des traductions de ses écrits et les conflits au sein du domaine intellectuel national à propos des différents programmes de recherche ont fini par construire des portraits de Bourdieu mettant en lumière différents aspects de son travail sociologique, telles que l'ethnographie des classes populaires, la sociologie de la culture érudite ou de la culture des masses, et enfin, l'interprétation de la (des) société(s) de classes. La présence ambivalente de la praxiologie structurelle de Bourdieu dans les réflexions sur la théorie sociale au Brésil sera aussi discutée, en soulignant spécialement les implications sans précédent de sa critique de la « théorie théorique » pour le problème des « idées déplacées » dans un scénario intellectuel périphérique.

Mots-clés : Pierre Bourdieu; Réception de Bourdieu au Brésil; Sociologie de la culture; Classes sociales; Théorie sociale.

